

REFLEXÕES INICIAIS DE PESQUISA: ESCOLA/COMUNIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR DA COLÔNIA Z-3¹

Michele Silveira Azevedo – UFPel²
michelesilveiraazevedo@gmail.com

Vanessa Gonçalves Dias – UFPel³
vanygd@yahoo.com.br

Agência Financiadora – CAPES

Eixo 4: Organização do trabalho pedagógico nas escolas públicas na Educação Básica (projeto político pedagógico, gestão, currículo, avaliação, cultura, políticas de acesso e permanência)

Resumo: Este artigo pretende apresentar os resultados iniciais da intervenção-ação que tem sido desenvolvida, através do subprojeto ‘Relação Escola e Comunidade: qualificação do letramento na/da comunidade escolar’ com membros da comunidade e professores da Escola Almirante Raphael Brusque, situada na Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas - RS. Nesse texto, busca-se realizar uma primeira reflexão, estabelecendo relações entre os resultados iniciais da pesquisa que está em desenvolvimento. Dessa forma, nesse movimento objetivamos o amadurecimento teórico da fase inicial de pesquisa, propondo como estrutura de trabalho o seguinte direcionamento: análise inicial sobre o processo de pesquisa-ação, referências sobre a realidade pesquisada, primeiras reflexões a respeito dos dados iniciais de pesquisa e conclusões preliminares do levantamento.

Palavras-Chave: Comunidade, Escola, Pesquisa-ação.

Introdução

Este texto foi elaborado para o III seminário Interinstitucional do Observatório de Educação, o andamento da pesquisa proposta suscitou novas contribuições para o trabalho, visto que nosso objetivo é a análise dos primeiros passos da pesquisa, optamos por qualificar e aprofundar alguns elementos do escrito de forma a documentar nossa pesquisa.

O subprojeto de pesquisa ‘Relação Escola e Comunidade: qualificação do letramento na/da comunidade escolar’, vincula-se a proposta de análise e intervenção

¹ Esse trabalho foi elaborado no âmbito do Projeto de Pesquisa: Observatório da Educação do Campo nos três Estados do Sul (PR, SC, RS) – *Núcleo UFPel/RS*, aprovado pelo edital 038/2010 – CAPES/INEP.

² Mestranda em Educação, UFPel/Fae, bolsista e pesquisadora do Projeto Observatório de Educação – Núcleo UFPel/RS, financiado pela CAPES/INEP.

³ Mestranda em Educação, UFPel/Fae, colaboradora do Projeto Observatório de Educação – Núcleo UFPel/RS, financiado pela CAPES/INEP.

das escolas do Campo na região Sul do Brasil, tendo como objeto de pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque.

Em análise realizada no ano de 2010, foi constatado baixo índice do IDEB pela escola: 3,1%⁴. Esse critério, além da diversidade de públicos das escolas do campo, fez com que esta fosse uma das seis escolas a serem trabalhadas.

O subprojeto em questão surge a partir da inserção e discussão com os professores. Nessa caminhada passa a existir a interação com o grupo, refletindo seus anseios e angústias presentes na sala de aula, expostos em momentos de reunião. Um dos elementos fundamentais, que parece marcar a relação escolar, embora, pelo exposto, nem sempre tenha sido assim é, justamente a comunidade e seu distanciamento da escola ou, a escola e o seu distanciamento da comunidade.

O foco de análise desse artigo situa-se na reflexão sobre as hipóteses levantadas pelos professores em relação à ausência da comunidade no cotidiano escolar. Para coleta de dados foi realizado a observação participante, em atividades da comunidade, e principalmente no momento de formação com os professores que fazem parte do grupo de estudos da escola. Ainda com este objetivo foram realizadas duas entrevistas junto aos moradores da comunidade, bem como com moradora/professora, que conta com aproximadamente vinte e cinco anos de experiência docente na realidade investigada.

Para análise dos registros será utilizado como aporte teórico os seguintes autores: Thiollent (1947), Tfouni (1985), Oliveira (2010), Saviani (1986) e Freire (1981; 1987; 2001).

A partir dos dados levantados realizamos, nesse texto, uma primeira análise de resultados, propondo para a reflexão o direcionamento: análise inicial sobre o processo de pesquisa-ação, referências sobre a realidade pesquisada, primeiras reflexões a respeito dos dados iniciais de pesquisa e conclusões preliminares do levantamento.

Considerações - Pesquisa-ação

A pesquisa proposta identifica-se com a pesquisa-ação. Para melhor esclarecimento desta concepção, tomamos o que a caracteriza, fundamentalmente:

⁴ Fonte: Projeto Observatório da Educação do Campo.

Um dos aspectos sobre os quais não há unanimidade é o da própria denominação da proposta metodológica. As expressões “pesquisa-participante” e “pesquisa-ação” são frequentemente dadas como sinônimo. A nosso ver, não o são, porque pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante (THIOLLENT, 1947, p.7).

A partir desta compreensão nosso trabalho junto à escola prevê, desde o nascimento de sua problemática, o envolvimento dos sujeitos pesquisados, bem como sua constante participação, como sujeitos e autores de construções coletivas, de forma que ao final dos quatro anos previstos para o projeto, bem como paralelamente a este, seja possível a devolução de dados, a discussão e a qualificação dos problemas levantados pela comunidade e pela escola.

Enquanto educadores encontramos, na escola, realidades contrastantes com as do mundo acadêmico. E, cabe salientar que, como forma de qualificação da prática pedagógica é necessário o esforço de conhecer a realidade. Paulo Freire (1981), ao sinalizar para as questões de pesquisa, ressalta:

Um destes problemas com que primeiro nos confrontamos quando nos obrigamos a conhecer uma dada realidade, seja a de uma área rural ou a de uma área urbana, enquanto nela atuamos ou para nela atuar, é saber em que realmente consiste a *realidade concreta* (p.34).

Com intenção de compreender a comunidade pesquisada, esta pesquisa em seu primeiro momento, contou com uma descrição a respeito da história da Escola Municipal Almirante Raphael Brusque, de forma a desvelar a realidade. Compreendemos que esse primeiro levantamento contribui para a comunidade escolar pesquisada conhecer a si própria. A intencionalidade da pesquisa é que os sujeitos envolvidos dela façam parte, de tal forma a identificar-se com a mesma. Sendo assim:

Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta (FREIRE, 1981, p.35).

O movimento da pesquisa se dá na prática pedagógica e no ato de conhecer a realidade, movido pela curiosidade da pesquisa, mas com a intenção de qualificar a prática docente, o que pode ser positivo, tanto para docentes como para discentes porque permite construir um referencial para qualificar as suas ações. Isso,

necessariamente, necessita do desvelando crítico da realidade, seus limites, assim como a formulação de proposições alternativas. Segundo Freire (1981)

Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento (p.36).

Esse processo permite, praticamente, a emergência de outro nível de letramento, de professores e educandos, qualificando a construção do conhecimento. Destacamos a diferença que pretende o letramento com relação à alfabetização: “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p.20).

Compreender e reconstruir a relação entre comunidade e escola torna-se um desafio necessário na tentativa de qualificar a prática docente (e discente) de modo que está se volte para a realidade e contribua na elevação do nível de letramento dos processos educativos que ocorrem na escola.

Realidade pesquisada

A colônia Z-3, localizada no 2º distrito de Pelotas, é composta por uma comunidade de pescadores, que desde seu surgimento, vem compondo a população local e sobrevivendo do produto da pesca. Em relação a sua historicidade destacamos:

Quanto à evolução histórica da Colônia Z3, temos que em 1912, a lei 2.544, que criou as colônias de pescadores e colocou-as sob a tutela do Ministério da Agricultura. Seu principal objetivo era cadastrar pescadores artesanais para uma possível convocação para a guerra. Por terem um vasto conhecimento de regiões litorâneas, os pescadores podiam tornar-se peças fundamentais na aplicação de estratégias de defesa nacional, que eventualmente necessitassem ser aplicadas. A Colônia de São Pedro, ou Arroio Sujo, como também é conhecida a Colônia de Pescadores Z3, foi fundada em 29 de junho de 1921.⁵

Ao longo do tempo a colônia Z-3 foi ampliando o número de moradores. É possível observar que diversos grupos de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e

⁵ Fonte: <http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com/> <acesso em: 05/08/2011.

Santa Catarina se estabeleceram na localidade, com a intenção de melhoria da qualidade de vida, por meio da pesca, na Lagoa dos Patos.

Em sua trajetória, os moradores da Colônia Z-3 atravessaram várias dificuldades, tanto de ordem financeira, como a luta pelos direitos dos trabalhadores, que têm na pesca sua renda mais substancial, assim como por políticas públicas que melhorassem as condições de acesso dentro da própria comunidade.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque, se localiza na Colônia Z-3, tendo sua fundação no ano de 1928, contando hoje com 83 anos, representa a possibilidade de escolarização da comunidade em questão.

Ao longo do tempo é possível observar uma modernização e ampliação do espaço escolar, que conta com laboratório de informática, laboratório de ciências entre outros. A escola se constitui com um quadro de cerca de 40 professores, destes, um possui mestrado, 21 especialização, sendo que todos possuem nível superior. Em nível de funcionários, a escola conta com 21 profissionais, entre serventes, merendeiras, monitores e secretárias e, atende, em média, 448 alunos da rede pública de ensino. Caracteriza-se, pela maior parte, de alunos vindos de famílias predominantemente pertencentes a classes populares.

Compreendemos que através do processo de inserção da comunidade escolar, como sujeitos efetivamente participantes do/no processo de construção e reflexão do processo de ensino-aprendizagem, caminhamos rumo à qualificação do nível de letramento e alfabetização de educandos e educadores construindo, assim, um movimento educativo preocupado em construir meios de educar de forma a dar vazão a questão cultural e a democratização da educação. Freire (2001) através de seu método de alfabetização centraliza a relação entre escola e comunidade:

Pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros criadores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo, nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura (p. 47).

Nesta perspectiva os seres humanos, através de seu agir, podem libertar-se. A educação pode contribuir, desde que voltada para as necessidades reais da comunidade em que estão inseridos, podem ser transformados os conteúdos pautados pela repetição e simples assimilação, em formas de compreensão da vida e tentativas de superação da

desigualdade social e, deste modo, utilizar-se da construção do conhecimento para tornar-se sujeito de sua história.

Reflexões iniciais do processo de pesquisa

Nesse tópico trazemos algumas observações que servem de análise inicial deste processo de investigação-ação. Salientando que trabalhamos a partir de dados iniciais. No entanto, esses resultados observados já são subsídios que dão suporte para a tentativa de refletir sobre o aparente distanciamento entre comunidade e escola.

Na coleta de dados prevista para o primeiro semestre de 2012, participamos de atividades que envolveram a comunidade e a escola, como festas da comunidade, na escola, reuniões com os professores e oficina de sucata desenvolvida com os alunos, bem como o grupo de estudos.

Nestes espaços, como na entrevista realizada com as professoras, é possível observar a necessidade de conhecer a realidade, por parte dos professores. Em um de nossos encontros, foi enfática a fala de um professor “faz três anos que trabalho nessa escola, porém nunca me preocupei em conhecer a realidade, venho, dou minha aula, de forma a cumprir meu conteúdo, e volto para casa”. Esse mesmo professor reflete sobre essa prática e sua imagem na comunidade “o que eles podem esperar de mim? Como posso mudar essa situação?”. Outro indicativo, evidenciado em nossos momentos formativos encaminham para a promoção de prática coletiva, que provoque a discussão da necessidade de conhecer a realidade por parte dos professores.

Na tentativa de responder a nossa questão inicial de pesquisa, ‘que motivos levam ao distanciamento, ou a diminuição da integração entre comunidade-escola?’, procuramos por meio de entrevistas, realizadas o levantamento da história da comunidade e da escola, para tanto conversamos com a moradora mais antiga da comunidade, uma professora mais antigas e um morador e pescador da região, porém apontamos que nessa coleta inicial não temos subsídios na fala dos moradores que indiquem o suposto afastamento da comunidade. Salientamos que nos espaços de convivência, como festas na escola, a participação dos pais se dá de forma intensa.

Na fala da professora/moradora da comunidade, é destaque o seu processo de formação, consolidado com o próprio avanço da escola, em termos de ampliação da escolarização:

No início estudávamos aqui até o quinto ano, depois disso não tinha mais escola, só para quem ia até a cidade, eu como não tinha condições, parei, sempre com a vontade de seguir estudando. Como militante de comunidade de base, consegui retornar os estudos, com muita dificuldade, no Ginásio do Areal, onde fui até o que equivale hoje a 8º série. Estava já na Escola técnica (ensino médio técnico), mas procurando trabalho, quando me chamaram para ser professora na Escola Almirante Raphael Brusque, aceitei, mas não sabia o que era ser professora, me deram um caderno que eu deveria seguir rigorosamente, me explicaram que quando eles (alunos) não se comportassem eu deveria colocar de cara na porta e era isso.

A ampliação da escola e a necessidade exposta pela professora de qualificar o trabalho fizeram com que ela avançasse nos estudos e qualificasse sua prática, a mesma conta hoje com 32 anos de sala de aula e relembra momentos em que a escola, envolvida por uma atmosfera de qualificação da prática decente, buscou trazer a realidade da colônia para o espaço escolar:

Teve um tempo, acho que lá pela década de 90, com as inovações propostas pela prefeitura e pelo grupo de trabalho que até uma cartilha nós criamos, era tudo construído com as coisas da pesca, por exemplo, a letra C era de caíco (barco artesanal) que faz parte da vida deles, nós saímos da escola, caminhávamos com os alunos por toda Z-3 e coletávamos material, daí eles iam para a sala de aula e nós construíamos tudo, eu não sei em que momento isso se perdeu, nem como isso aconteceu, mas sinto vontade de trabalhar assim.

Diante de tal necessidade e traçando nossas tomadas de decisão a partir do grupo de trabalho avançamos na pesquisa-ação trazendo a comunidade para a escola, de forma a compreender a colônia e contribuir para o avanço na relação comunidade/escola.

Nossa estratégia de pesquisa nesse momento conta com a participação constante da comunidade nos processos formativos, movimento que se concretiza em conjunto com o quadro de professores tanto na participação das discussões como no chamamento da comunidade.

Durante os últimos meses planejamos e viemos desenvolvendo uma série de ações que contribuem para a resolução de nosso problema de pesquisa, dentre elas destacamos a presença de palestrante da comunidade, envolvido com o movimento de pesca e participante ativo do sindicato dos pescadores que com seu vasto conhecimento da região veio ao encontro das necessidades de compreensão dos professores.

Em sua explanação o foco de abordagem pretendia retomar as questões da pesca e das políticas de pesca para Colônia Z3, como contextualização inicial, nosso palestrante retomou sua chegada à colônia, sendo que este não é de família de origem

pesqueira, porém sempre mostrou interesse pela pesca, obteve formação profissional na antiga Escola Técnica Federal de Pelotas, posteriormente conhecendo sua esposa, moradora da colônia e vindo a residir neste local, trabalhando a partir de então com a pesca e atividades ligadas a ela.

Sua relação com a escola e a preocupação da melhoria da qualidade da educação vem de longa data, sendo sua filha, hoje adulta, formada pela Escola Almirante Raphael Brusque, a parceria entre sindicato e escola já se apresentou em outros momentos como ponto de destaque para a qualificação escolar, porém há algum tempo não são desenvolvidas atividades conjuntas, apontado o afastamento por parte do palestrante que supõe este fenômeno ter ocorrido devido à falta de diálogo.

Essa palestra foi fundamental para compreender a luta dos pescadores por melhores condições de vida na Costa Doce, pois a partir de então foi possível abranger o movimento realizado pelos moradores para a visibilidade das condições de vida dos pescadores visto que diversos fatores ambientais e mesmo a exploração indiscriminada da pesca vem trazendo uma série de problemas ao pescador artesanal.

No seguimento das atividades a proposta de trabalho conflui para o desenvolvimento de atividades conjuntas entre comunidade e escola de forma a desvelar a realidade trazendo seus problemas e necessidades para além dos portões escolares, compreendemos que o movimento vem ganhando força por parte da escola, criando condições para o desenvolvimento da pesquisa de forma a melhorar as condições de letramento de professores e alunos.

Observamos que na coleta inicial de dados, é fala constante dos professores o distanciamento da realidade escolar por parte do grupo de trabalho, contudo, em nossa investigação inicial essa constatação não se comprova - como já foi dito anteriormente. Dessa forma passamos a reflexão sobre as dimensões que supostamente subordinam tal afastamento da comunidade com relação à escola, levando em conta a análise inicial de dados, pretendendo, assim, apresentar nossas primeiras conclusões a respeito do tema.

Algumas Conclusões

Como consequência da conjuntura histórica, política, cultural e socioeconômica na atualidade, as comunidades escolares são colocadas à parte do processo educacional, situação que se potencializa através da assimilação, do contato frequente e massivo de nossos jovens com outros modos de vida, e desvalorização da

vivência local. Sobre esse aspecto, adverte Freire: “Estimulando a massificação, a manipulação contradiz, frontalmente, a afirmação do homem como sujeito, que só pode ser na medida em que, engajando-se na ação, transforma a realidade, opta e decide” (FREIRE, 1987, p.27).

A comunidade escolar aponta essa questão, apesar de encontrarmos no projeto-político-pedagógico, a presença de articulação entre escola e comunidade. Hoje é corrente a participação do conselho escolar, composto por membros de todos os segmentos, porém essa prática democrática não manifesta efetivamente uma representatividade da comunidade, como se propõe, estando a serviço da escola na tomada de decisões que cabem a este segmento como forma burocrática de questões administrativas.

Torna-se um grande desafio trabalhar levando em conta a articulação escola/comunidade, como demonstrou a pesquisa experimental e a primeira análise de dados, porém os espaços de decisão que pretendem fomentar esse elo (escola/comunidade) se dão de forma restritiva, promovendo a desarticulação entre os problemas da comunidade e a escola, como se a comunidade estivesse a serviço da escola e não o contrário. Esse fenômeno apontado pela escola parece corrente na realidade educacional brasileira.

Com referência as festividades propostas no calendário escolar, é possível constatar que esta massivamente presente na escola, ou seja, existe uma frequente participação dos sujeitos da comunidade nos momentos de integração, porém no âmbito das decisões efetivas das propostas de trabalho estes sujeitos não possuem representação real.

Cabe também questionar, principalmente na realidade do campo, o modo como os professores são inseridos nas comunidades escolares: em sua maioria são oriundos da zona urbana, não conhecendo a realidade em que trabalham. Oliveira (2010) faz referência à necessidade de transformação da realidade do quadro de professores da zona rural, propondo o estabelecimento de uma Educação do Campo, destaca o perfil de tais profissionais:

Entre as transformações fundamentais para a concepção da escola do campo, encontra-se a formação dos educadores, principais agentes deste processo, mas que, muitas vezes, são desvalorizados no trabalho que exercem, e cuja atuação no meio rural é colocada como penalização e não como opção. A não viabilização para a qualificação profissional destes professores diminui sua auto-estima e sua confiança no futuro, o que os coloca numa condição de

vítimas provocadoras de novas vítimas, na medida em que realizam um trabalho desinteressado, desqualificado e desmotivado (p.65).

Apontamos então, para o papel da escola, ou seja, a escola está na comunidade com qual intencionalidade? Parece-nos que como salienta Saviani (1986) em suas onze teses sobre educação e política, que a escola pública apesar de se fundar como uma proposta democrática, frente a perspectiva da escola nova, ainda não é democrática:

Agora, os homens do povo (o povão, como se costuma dizer) continuaram a ser educados basicamente segundo o método tradicional, e, mais do que isso, não só continuaram a ser educados, à revelia dos métodos novos, como também jamais reivindicaram tais procedimentos (p.53).

A tentativa articuladora, porém não crítica, dos processos participativos no ambiente escolar, leva a um distanciamento cada vez maior das comunidades com a escola e com os processos de aprendizagem de seu interior.

A construção das propostas de pesquisas, direcionadas pela investigação-ação, pretende trabalhar no esforço de valorização da comunidade local, partindo da realidade, promovendo, assim, a construção do conhecimento e tornando possível a comunidade da qual faz parte, engajar-se na escola de forma tal que esta represente democraticamente um espaço de ruptura com as práticas tradicionais, visando a construção de alternativas frente aos problemas de que a escola e a comunidade comungam.

Compreender e reconstruir a relação entre comunidade e escola torna-se um desafio necessário para a tentativa de qualificar a prática docente de modo que esta se volte para a realidade e supere o distanciamento gerador do antagonismo socioeconômico, político e cultural, que se enraíza na escola por meio de uma pedagogia tradicional e bancária (FREIRE, 1987).

Assim, de acordo com o que já conseguimos compreender, pela pesquisa realizada até o momento, evidencia-se nos diferentes espaços educativos a percepção de que este movimento de aproximação do cotidiano escolar a realidade do contexto local, encontra-se diretamente articulado às possibilidades de ampliação da visão social de mundo dos professores, seu letramento. Sendo essa reconstrução na forma de conceber a educação, a sociedade, seus estudantes, a comunidade, entre outros elementos, o que poderá reorientar os métodos e os processos de avaliação, assim como o conteúdo trabalhado, etc. Constata-se, igualmente, que esse desafio, quando assumido por toda a

comunidade escolar, pode resultar no estabelecimento de uma nova relação educativa, fundamentada na proposta pedagógica comprometida com as reais necessidades da comunidade, o que incide na compreensão de que a qualidade da relação entre a comunidade escolar possibilita, ou não, o desenvolvimento da educação do campo como centralidade prática e teórica no ambiente da escola.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa:** aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17ªed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, **Conscientização:** Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, São Paulo, Centauro, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA, Liliane Lúcia Nunes de Aranha; MONTENEGRO, João Lopes de Albuquerque. **Panorama da Educação do Campo.** In: MUNARIM, Antônio.

SAVIANI, Demerval. **Escola pública e democracia.** 11ª ed, São Paulo, Cortez, 1986.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

THIOLLENT, Michel, **Metodologia da pesquisa-ação,** São Paulo, Cortez, Autores associados, 1985.

Fonte: <http://ecomuseudacolonia3.blogspot.com/> < acesso em: 05/08/2011>.